

PRONOME REFLEXIVO: APAGA-SE EM GOIÁS, NÃO SE ACENDE EM MINAS.

Felipe Fernandes Martins

Universidade de Brasília

RESUMO

Este trabalho é um estudo sobre a não realização do pronome reflexivo nas falas de mineiros e goianos residentes ou não do Distrito Federal, sob a perspectiva variacionista, que defende ser a heterogeneidade linguística ordenada. O objetivo é comprovar ou refutar a hipótese de que mineiros e goianos não utilizam os pronomes reflexivos. O *corpus* analisado é constituído de vinte colaboradores, sendo dez mineiros e dez goianos. São utilizadas variáveis linguísticas e extralinguísticas, como a origem geográfica e a escolaridade. Os resultados obtidos mostraram que é maior o índice de não realização dos pronomes reflexivos do que a sua realização e, também, que existem certos verbos que estão deixando de ser utilizados com o caráter reflexivo.

PALAVRAS-CHAVE: Variação linguística; pronomes reflexivos; mineirês; goianês.

1. Introdução

Este trabalho trata sobre o uso dos pronomes reflexivos, relativamente a não realização desses pronomes por determinados grupos sociais. De acordo com Cunha e Cintra (2008), eles são utilizados quando a ação exercida pelo verbo recai também sobre o sujeito, ou seja, nas orações em que o sujeito é o agente e também o paciente. Existem também orações em que a ação verbal recai mutuamente sobre o agente e o paciente. Exemplos:

- (1) Ele vestiu-se rapidamente.
- (2) João e eu nos abraçamos.
- (3) Mulher e marido entreolharam-se.
- (4) Eu me feri.

Foram selecionados 16 colaboradores, sendo 8 mineiros e 8 goianos, levando também em conta a escolaridade de cada um para participarem de uma entrevista, a qual foi elaborada

com o fito de os fazerem realizar ou não estruturas com os pronomes reflexivos. As entrevistas foram feitas e transcritas para o presente trabalho, encontrando-se anexas a esse. As análises foram realizadas por meio de tabelas e gráficos

2. Conhecendo os reflexivos

O objeto de pesquisa deste trabalho é a não realização do pronome reflexivo entre falantes mineiros e goianos. Esse fenômeno é audível, todavia não perceptível à maioria dos falantes do Português Brasileiro. Explica-se: audível, pois a linguagem à qual se refere é a falada; e, não perceptível, visto que isso ocorre na língua vernácula, no modo mais espontâneo de uso da língua, na qual os falantes despojam-se em grande parte da realização de regras gramaticais, abonadas pela norma de prestígio.

Em grande parte da história linguística, acreditava-se que a língua constituía sistema homogêneo limitado por padrões e, por isso, não se dava muita importância para a variação. Labov, assistido por alguns estudiosos, foi pioneiro na pesquisa da língua em seu uso real, conjecturando explicações para a variação nos âmbitos socioculturais distinguidos em determinada comunidade.

A partir de então, a língua passou a ser tratada, pelas sociedades complexas e letradas, como um sistema com regras variáveis e regras categóricas, ou seja, composta de dois polos: a variação linguística de um lado, e a norma-padrão de outro. O primeiro polo é a língua em constante instabilidade e, o segundo, o modelo artificial de língua, produto cultural criado para ser referência de comportamento linguístico considerado conveniente, adequado, correto. Porém, entre esses dois pontos dicotômicos, há uma região intermediária, na qual um influencia o outro, fazendo, então, incontestável a existência dos dois.

A concepção da língua como um “substantivo coletivo” foi a grande mudança introduzida pela Sociolinguística. “[...] debaixo do guarda-chuva chamado LÍNGUA, no singular, se abrigam diversos conjuntos de realizações possíveis dos recursos expressivos que estão à disposição dos falantes.”. (BAGNO, 2009, p.39). A variação acontece em todos os níveis da língua: fonético-fonológico; morfológico; sintático; semântico; lexical; estilístico-pragmático.

Vale a pena ressaltar que a variação advém de forma ordenada e não aleatória. Ela é condicionada por diversos fatores. Essa heterogeneidade ordenada está intrinsecamente relacionada com o fato de a língua ser um sistema que proporciona expressão de um mesmo conteúdo, por meio de regras distintas com coerência funcional e harmonicamente lógicas. E, além disso, esse sistema sempre está se renovando, reestruturando-se, recompondo-se, não obstante não deixar de possibilitar ao falante todos os elementos para sua total interação cultural e social.

A realização de trabalho detalhado sobre variação linguística depende, também, de fatores extralinguísticos, fatores sociais, os quais auxiliarão na identificação dos fenômenos da heterogeneidade linguística. Alguns deles são os seguintes: origem geográfica, *status* socioeconômico; grau de escolarização; idade; sexo; mercado de trabalho; redes sociais.

A reflexividade verbal, segundo Bechara (2009), acontece quando a ação desempenhada pelo verbo não é transferida a outra pessoa, mas é refletida no sujeito, ficando o agente e o paciente restritos à mesma pessoa. Há dois tipos de reflexos: o próprio, exemplificado pelo verbo *suicidar*; e o recíproco, como acontece com o verbo *escrever*. Essa distinção se dá por interpretações contextuais. Não obstante, quando o *sujeito* da oração é substantivo inanimado, a construção é passiva, por ele não poder ser agente. Exemplo:

(1) O Banco só se abre às dez horas.

Cunha e Cintra (2008) também mencionam a reflexividade verbal como a coincidência do objeto direto ou indireto com a pessoa ou coisa que representa o sujeito. Tanto a terceira pessoa do singular, quanto a do plural possuem três formas reflexas: *se*, *si*, *consigo*. As formas das outras pessoas são concomitantes às do pronome oblíquo: *me*, *te*, *nos* e *vos*. A reciprocidade da ação é também representada pelas formas reflexas do plural: *nos*, *vos*, *se*. Por esse motivo, as sentenças são passíveis de ambiguidade. Para evitar isso, acrescenta-se à ação reflexiva as formas: *a mim mesmo*, *a ti mesmo*, *a si mesmo*; e, à ação recíproca, *um ao outro*, *uns aos outros*, *entre si*, *mutuamente*, *reciprocamente*, *prefixo entre-*.

Perini (2008) percebe uma diferença na reflexividade dos verbos como *insultar* e *ver*. Segundo ele, esses verbos não possuem a interpretação recíproca, nem são semanticamente reflexivos. Já, os verbos do tipo *vestir* e *cumprimentar* seguem outra linha: o paciente funciona como correferente do sujeito.

Neves (2011, p. 455-456) expõe que as formas dos pronomes pessoais átonos recíprocos e reflexivos são as mesmas, tanto para o objeto direto, quanto para o objeto indireto. A diferença existente na construção da forma reflexa e da recíproca é que nesta o sujeito, comumente, vem exposto, já naquela, o sujeito geralmente é oculto. Exemplos: *banhei-me no rio; curvou-se para pegar as chaves que jaziam no chão*.

Azeredo (2010, p. 277-278) discorre sobre a reflexividade verbal distinguindo duas vozes: voz média e voz reflexiva, sendo que esta está contida naquela. Na voz reflexiva, o sujeito gramatical exerce obrigatoriamente dois papéis: o de **agente** e o de **ser afetado**. Isso só acontece com verbos de ação e é revelado pelo pronome reflexivo. Nessa voz, a ambiguidade pode aparecer, visto que substantivos (geralmente animados) podem preencher o papel de agente: “João cortou-se”. Não obstante, quando a construção é feita por um verbo de sentimento, o sujeito não cumpre a função de **agente**, ficando, unicamente, como **ser afetado**: “As crianças não se incomodam com nada”. A esse tipo de composição se chama voz média.

Oliveira e Cunha e Souza (2009, p.103) discriminam o sujeito paciente, sujeito agente e o sujeito paciente agente. O primeiro é aquele que recebe ou sofre a ação desempenhada pelo verbo passivo. O segundo é aquele que exerce a ação expressa pelo verbo da voz ativa. E o terceiro é aquele que executa a ação do verbo reflexivo e, ao mesmo tempo, sofre os efeitos dessa ação. O que vai definir qual é o papel temático preenchido pelos nomes, argumentos e adjunções verbais não é necessariamente a voz do verbo, mas, sim, a sua propriedade semântica. Sobre esse aspecto, nenhum dos autores supracitados se manifesta.

Bandeira (2007) descreve o apagamento do pronome reflexivo *se* na função de sujeito, e do *me*, *te*, *se*, *nos* na função de objeto. A variável dependente da pesquisa é a PRESENÇA/AUSÊNCIA de *se*. Somam-se a essa doze variáveis independentes, sendo oito linguísticas e quatro sociais. São elas: sexo, faixa etária, escolaridade e localidade. Aquelas são relacionadas às classes dos clíticos anafóricos, em que se verifica se uma determinada classe exerce maior ou menor influência no apagamento dos pronomes reflexivos; à predicação do verbo, em que se analisa que a “intransitividade” licencia o apagamento; à posição do pronome anafórico em relação ao verbo; à pessoa do clítico anafórico; à pessoa do verbo; à função sintática do clítico; ao sentido genérico do verbo e à animacidade do sujeito gramatical.

Em relação aos resultados obtidos por Bandeira, foi indicado que a próclise ocorreu mais que a ênclise, porém, esta é mais vulnerável à não realização dos pronomes reflexivos.

De acordo com os estudos realizados por Bandeira, em Irati e Pato Branco, Paraná, a presença do pronome reflexivo foi maior do que a sua ausência; e em Curitiba e Londrina, a ausência superou a presença. As classes dos pronomes também variaram: no reflexivo, no apassivador e no inerente, a presença foi maior que a ausência; no ergativo, coincidiu; e tanto no recíproco, quanto ao indeterminador e ao enfático, a ausência superou a presença.

Quanto à intransitividade verbal, Bandeira indica que a ausência também superou a presença. No que se refere à animacidade do sujeito gramatical, nos mais animados, a presença superou a ausência, e, nos inanimados (ou menos animados), a ausência prevaleceu. A faixa etária escolhida foi de 25 a 49 anos e acima de 50. Em uma análise geral, a presença foi superior à ausência, então, o emprego do clítico independeu da idade. Já com a escolaridade, não se alterou muito, mas se percebeu que o seu aumento favorece à presença do clítico.

Bechara (2009) e Cunha e Cintra (2008) abordam superficialmente a reflexividade verbal, compreendendo-a como a coincidência do objeto direto ou indireto com a pessoa ou coisa que compõe o sujeito. O primeiro menciona dois tipos de verbos reflexos (próprios e reflexos); o segundo não diferencia isso, todavia, expõe e explica a possível ocorrência de ambiguidade nos verbos reflexivos. Perini (2008) e Neves (2011), em suas obras, separam apenas algumas linhas para relatarem o assunto, e seguem uma tese diferente dos demais: o último trata sobre a expressão ou não do sujeito, e aquele distingue verbos que não são semanticamente reflexos e não possuem interpretação recíproca, por exemplo, os verbos *amar* e *insultar*.

No entanto, Azeredo (2010) e Oliveira e Cunha e Souza (2009) discorrem sobre a reflexividade verbal diferentemente dos outros autores supracitados. O primeiro discorre sobre vozes, diferenciando a voz média da voz reflexiva, esta compondo aquela; uma tendo verbos de ação, ambiguidade; outra, verbos sentimentais, desempenhando excepcionalmente a função de **ser afetado**. O segundo diferencia três tipos de sujeito: o paciente, o agente e o paciente agente, e afirma, contrariando Azeredo, que não é a voz do verbo que vai deliberar os papéis temáticos dos componentes da frase, mas, sim, a sua propriedade semântica.

3. Metodologia

A metodologia empregada nesta pesquisa segue a teoria variacionista. Foi realizada uma entrevista (ANEXO 1) na qual as questões elaboradas para favorecerem o uso de verbos pronominais recíprocos e reflexivos. As mesmas perguntas foram feitas para todos os entrevistados, no total de 16, sendo 8 mineiros e 8 goianos. Ainda foi levada em conta na seleção dos colaboradores, a escolaridade de cada um. Dos 8 mineiros entrevistados, 4 possuem escolaridade baixa ou média e 4 possuem escolaridade alta. Assim também foi feito com os goianos, 4 com baixa ou média escolaridade e 4 com alta escolaridade.

Os entrevistados são mineiros e goianos moradores ou não do Distrito Federal, mas que visitam a cidade natal periodicamente. As entrevistas foram gravadas e depois transcritas (ANEXO 2). A ocorrência do pronome reflexivo foi marcada de **verde** e a sua não realização de **amarelo**. Os dados obtidos foram registrados em 3 tabelas e 3 gráficos, que possibilitaram as suas análises. Os resultados obtidos foram derivados das análises das tabelas e gráficos.

3.1. Hipótese

A hipótese levantada é de que os goianos e os mineiros não fazem uso dos pronomes reflexivos, constituindo essa uma regra categórica na fala desses grupos.

3.2. Variantes e variáveis

O apagamento dos pronomes reflexivos é a variável dependente desse trabalho. São eles: me, te, lhe, nos, vos, lhes. A escolaridade, a naturalidade e a idade dos falantes foram as variáveis sociais escolhidas para análise, sendo essas as variáveis independentes.

3.3. Coleta de dados

Para se alcançar os objetivos propostos, foram feitas entrevistas com colaboradores mineiros e goianos, moradores ou não do Distrito Federal, os quais, periodicamente, visitam suas cidades natais. Foi desenvolvido roteiro de entrevista (ANEXO 1) para que os colaboradores pudessem utilizar estruturas que viabilizassem o uso de pronomes reflexivos.

A seleção dos participantes foi feita da seguinte forma: 4 goianos de escolaridade baixa ou média e mais 4 com a escolaridade alta; 4 mineiros com escolaridade baixa ou média e mais 4 com a escolaridade alta, perfazendo o total de 16 entrevistados.

4. Análises e resultados

Os resultados obtidos foram favoráveis à hipótese levantada de que, geralmente, nem os mineiros nem os goianos realizam os pronomes reflexivos. A porcentagem de não realização dos pronomes reflexivos foi maior do que a sua realização, tanto para goianos quanto mineiros, independente do grau de escolaridade.

A maior parte do trabalho analisado apresentou a não realização dos pronomes reflexivos, tanto para mineiros, quanto para goianos. Não obstante, houve algumas entrevistas que apresentaram a realização desses pronomes, as quais, a maioria foi a de Goianos e Mineiros com escolaridade alta. Isso mostra a influência marcante da escola na formação linguística do indivíduo.

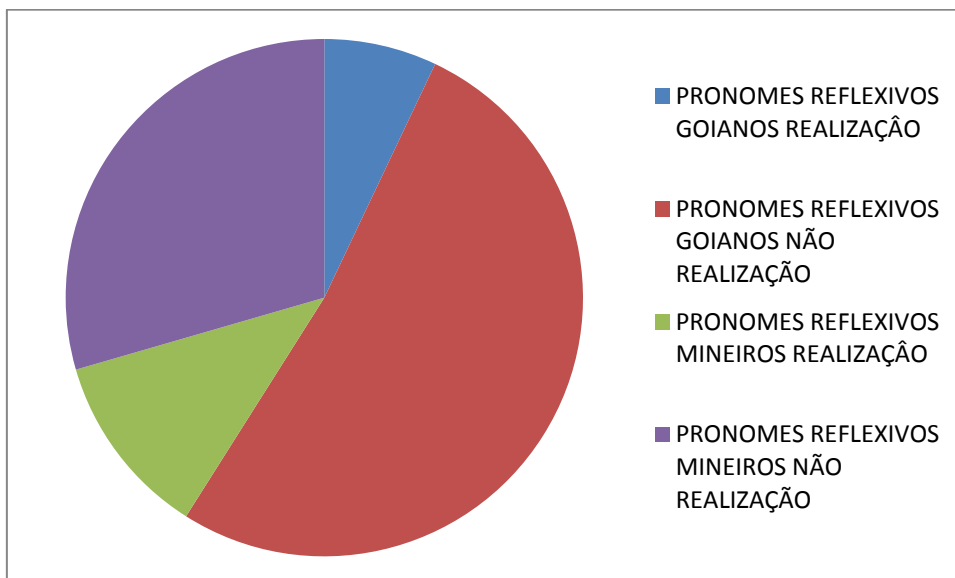
Em contrapartida, percebeu-se também a realização desses pronomes, ainda que em bem menor quantidade, por pessoas de baixa ou média escolaridade, mineiros e goianos. Essas ocorrências foram notadas com alguns verbos específicos, nos quais a não realização dos pronomes deixariam sentido vago.

Coletamos 156 dados, dos quais 92 são de goianos e 64 de mineiros, conforme tabela e gráfico abaixo:

TABELA 1

PRONOMES REFLEXIVOS			
GOIANOS		MINEIROS	
REALIZAÇÃO	NÃO REALIZAÇÃO	REALIZAÇÃO	NÃO REALIZAÇÃO
11	81	18	46
92		64	
TOTAL 156 dados			

GRÁFICO 1

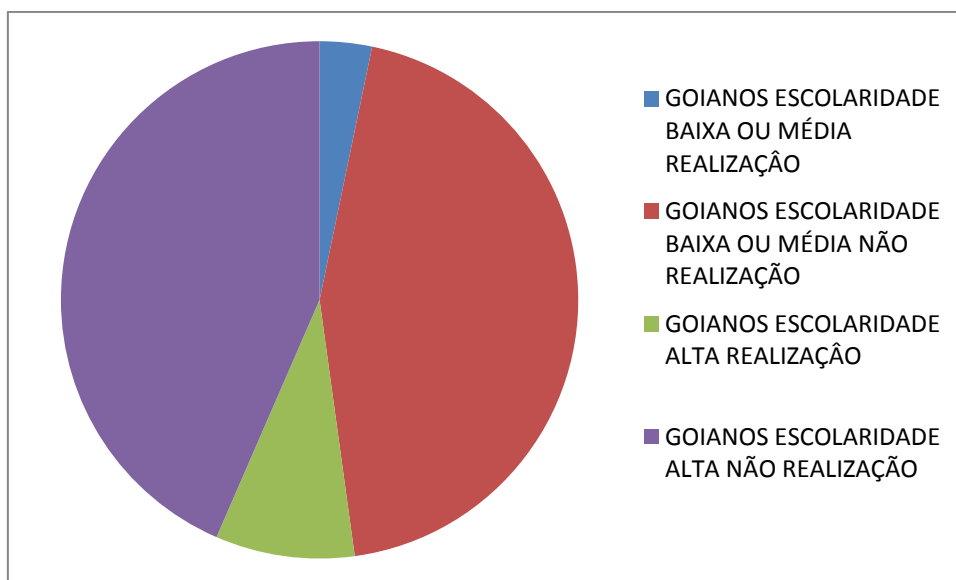


De acordo com os dados acima, dos 92 dados obtidos dos goianos entrevistados, 81 não realizaram os pronomes reflexivos, ou seja, mais ou menos 88% não realizaram os pronomes reflexivos e 11 realizaram os pronomes, isto é, apenas 12 % fizeram uso do pronome reflexivo. Dos 81 dados dos goianos que não realizaram esses pronomes, 41 possuem baixa ou média escolaridade, ou seja, mais ou menos 51 %; e 40 possuem escolaridade alta, isto é, 49%. Dos 11 que realizaram os pronomes reflexivos, 3 têm baixa escolaridade, ou seja, 27%; e 8 têm escolaridade alta, mais ou menos 33%, mediante tabela e gráficos abaixo:

TABELA 2

GOIANOS			
ESCOLARIDADE BAIXA OU MÉDIA		ESCOLARIDADE ALTA	
REALIZAÇÃO	NÃO REALIZAÇÃO	REALIZAÇÃO	NÃO REALIZAÇÃO
3	41	8	40
44		48	
TOTAL: 92 Dados			

GRÁFICO 2

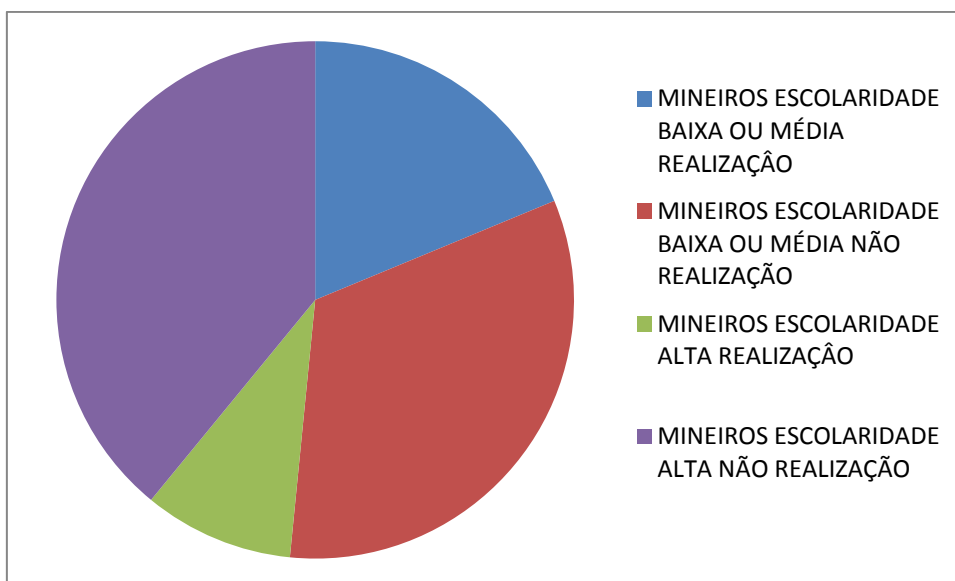


Também percebeu-se na tabela 1 que, dos 64 dados coletados dos mineiros que foram entrevistados, 18 realizaram os pronomes reflexivos, ou seja, 28 % fizeram uso dos pronomes reflexivo; e 46 não realizaram esses pronomes. Dos 18 que realizaram, 12 tem baixa ou média escolaridade, ou seja, 66%, e 6 têm alta escolaridade, isto é, 44%. Isso se pode perceber na tabela e no gráfico abaixo:

TABELA 3

MINEIROS			
ESCOLARIDADE BAIXA OU MÉDIA		ESCOLARIDADE ALTA	
REALIZAÇÃO	NÃO REALIZAÇÃO	REALIZAÇÃO	NÃO REALIZAÇÃO
12	21	6	25
33		31	
TOTAL 64 dados			

GRÁFICO 3



Da análise feita, notou-se que alguns verbos foram mais utilizados do que o outro, e, além disso, em alguns não ocorreu, em qualquer momento, a reflexividade. Podemos ver isso claramente na tabela abaixo:

VERBOS	GOIANOS		MINEIROS		TOTAL
	REALIZAÇÃO	NÃO	REALIZAÇÃO	NÃO	
CASAR-SE	0	11	0	0	11
MUDAR-SE	0	23	5	7	35
APOSENTAR-SE	4	10	0	1	15
ENGASGAR-SE	0	11	0	5	16
LEVANTAR-SE	0	3	0	6	9
LEVAR-SE	0	1	0	0	1
AJUDAR-SE	0	1	0	0	1
POUPAR-SE	1	0	0	0	1
CHAMAR-SE	0	1	0	6	7
BATIZAR-SE	0	1	0	0	1
LIBERTAR-SE	1	1	0	0	2
DESCANSAR-SE	0	1	0	0	1
ENTURMAR-SE	0	1	0	0	1
LEMBRAR-SE	1	1	0	0	2
TRAMATIZAR-SE	0	1	0	0	1
FORMAR-SE	0	2	0	3	5
DESPERTAR-SE	1	0	0	0	2
MATAR-SE	1	0	1	0	2
VER-SE	1	0	0	0	1
TORNAR-SE	1	0	0	0	1

SUFOCAR-SE	0	1	0	0	1
SABER-SE	0	1	0	0	1
ACOSTUMAR-SE	0	0	0	6	6
ALIMENTAR-SE	0	0	3	0	3

Pode-se concluir, então, que a não realização dos pronomes reflexivos é algo comum em Minas e em Goiás, uma vez que, com a presente pesquisa supracitada, verificou-se que é maior a porcentagem da sua não realização do que sua realização. Ressalta-se, também, que existem verbos que requerem o reflexivo para a formação de seu sentido completo, como o verbo *jogar-se*, o qual em todas as ocorrências apareceu acompanhado do pronome reflexivo.

Ressalta-se ainda que apenas uma colaboradora, com escolaridade média, realizou mais os pronomes reflexivos, sendo sua porcentagem de ocorrência menor do que a de não ocorrência. Afora essa, todos os colaboradores apresentaram maior índice de não realização do que realização. Pode-se inferir, também, que há verbos que estão perdendo totalmente o seu caráter reflexivo, sendo, então, realizados sem o pronome reflexivo.

5. Referências

- ANDRÉ, Hidelbrando Afonso de. *Gramática Ilustrada*. 3. ed. São Paulo: Moderna, 1982. 360 p.
- BAGNO, Marcos. *Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística*. 3. ed. São Paulo: Parábola, 2009. 238 p.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 3 ed. São Paulo: Publifolha, 2010. 583 p.
- D'ALBUQUERQUE, Alair da Cruz Reis Cavalcante. A perda dos clíticos num dialeto mineiro. In: *Sociolinguística e ensino vernáculo 78/79*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro Ltda, 1984. P. 100 – 101.
- CINTRA, Luís F. Lindley; CUNHA, Celso. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008. 762 p.
- BANDEIRA, Grace dos Anjos Freire. *O apagamento de SE nas funções sujeito e objeto: um estudo variacionista com dados do VARSUL do Paraná*. 2007. 272 p. Curitiba: Tese apresentada ao programa de pós-graduação em letras da Universidade Federal do Paraná.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed., rev. amp. e atual. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 671 p.
- NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2011. 1033 p.
- OLIVEIRA, Maria de. *Nós se cliticizou-se?*. Apresentado no encontro do PHPB/Itaparica. <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/pdf/maril014.pdf>>. Acesso em 19 de setembro de 2013.
- OLIVEIRA, K., CUNHA E SOUZA, HF., and SOLEDADE, J., orgs. *Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias* [online]. Salvador: EDUFBA, 2009. 329 p. ISBN 978-85-232-0602-4. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>. Acesso em 19 de setembro de 2013.
- PERINI, Mario Alberto. *Estudos de Gramática descritiva: as valências verbais*. São Paulo: Parábola, 2008. 398 p.
- SILVA, Rosa Virginia Mattos e. *Contradições no ensino de português: a língua que se fala x a língua que se ensina*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2011. 94 p.
- VIEGAS, Waldyr. *Fundamentos lógicos da metodologia científica*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2007. 241 p.

6. Anexos

6.1. Entrevista

Tema 1: Mudança

1. Você sempre morou na mesma casa?
 - a. Incentivar ao colaborador a falar sobre suas mudanças
2. Você se acostuma fácil com os vizinhos, com o bairro, com a cidade, com o clima?

Tema 2: Casamento

3. Você e seu namorado(a)/ esposo(a) eram amigos? Desde quando?
4. Quando foi seu casamento? (se for casado)
5. Quando será seu casamento? (se não for casado)
6. O que mais lhe chamou atenção nele(a)?

Tema 3: Formatura

7. Qual foi o curso que você fez?
8. Quanto tempo de duração?
9. Em qual ano foi a sua formatura?
10. Você fez muito esforço para concluir seu curso?

Tema 4: Bom dia

11. Você acorda sem o despertador?
12. O que você faz quando acorda?
13. Qual sua rotina antes de sair de casa?

Tema 5: Comida

14. Existe algum prato inesquecível? Qual? Por quê? Quando foi?
15. Você já se engasgou? Como foi?

Tema 6: Aposentadoria

16. O que você acha da aposentadoria Brasileira?
17. Você é aposentado(a)? Se sim, o que você faz? Se não, o que você faria? (Qual a rotina).

Tema 7: Suicídio

18. Você já viveu uma situação que achou que ia morrer?
19. Você conhece algum caso de suicídio?
20. Como você pode nos contar essa história?

6.2. Transcrições

Goianos com baixa ou média escolaridade

- “Eu nasci na fazenda Sargento, município de Posse - GO [...] tenho 75 anos, 32 anos de Brasília [...] que eu mudei pra cá [...] 40 e poucos anos que eu tinha [...] que eu mudei pra cá [...] eu mudei pra lá pro Bandeirante [...] aí comprei aqui e mudei pra qui no mermo ano, o contrato era um ano, mas com oito meses eu comprei aqui e mudei pra qui [...] oito mês, era um ano, quando tava faltando quatro mês nós mudemo pra qui [...] Casei na era de 61 [...] eu namorei 3 ano, sabe por quê que nós não casemo logo? É porque ela não tinha idade, quando ela interô 16 anos nós casemo e eu casei com 22 anos [...] eu dei a entrada faz tempo, mas custô por causa que eu morava lá da hora que mudei pra qui não tinha o documento da terra mais lá, aí ficou difícil pra aposentar, nessa época tava difícil pra aposentar [...] aqui não podia me posentar né [...] eu fui pro Gama e aposentei, mas aí saiu lá [...] Cê não aposentou lá em Posse? [...] agora eu não to levantando cedo [...] Nós é ia pra Posse, andando de pé [...] comecei a engasgar [...]”.
- “Sou de Pires do Rio Goiás [...] eu mudei aqui pra Brasília [...] Nós casô em primeiro de dezembro [...] casei com, casei com 51 anos, ela tinha 17 anos [...] eu casei com ela tinha 51 e agora tenho 71 ano [...] trabaiei 37 ano na SLU aí aposentei [...] aposentei ... faz 4 ano [...] aposentei lá no SS de Planaltina [...] morava no Gama, aí arranjei casamento aqui, casei e vim morar aqui [...] passei mal Ornelho correu mais a Celina levou praquela hospital [...] Deus judou que Deus me popou minha vida.”.
- “Uai eu nasci lá na cidade de Jaragua, município de Capão Grande [...] Nós mudamo pra... meu vendeu essa fazenda [...] nós mudô pro Pará [...] nós mudô que só formiga [...] eu casei agora em 2004 [...] eu rodei de mais pra casar [...] as menina chamava, eu não ia não [...] era um dia de batismo e batizei [...] Deus foi me libertando dos problema que eu tinha [...] libertou daquela ruindade [...] eu até que descansei bem [...]”.
- “Eu nasci em Goiás [...] quando foi que eu mudei...Passei uma temporada em Niquelândia e depois vim pra cá [...] ele nunca foi de enturmar com a mocidade [...] nunca engasguei [...] ah, gelo... eu engasguei com gelo [...] essa foi a única vez que engasgo”.

Goianos com alta escolaridade

- “Passei a infância em Cristalina, Goiás [...] no ano de 2000 a minha família toda mudamo pra fazenda [...] 2007 eu mudei pa fazenda do meu tio [...] eu não queria muda não [...] ah não eu não queria mudar não [...] foi mais difícil pra acostumar por que nois morava na cidade e foi pra fazenda né? [...] nois começô a namorar [...] casar? Pensar pensa [...] agora ela mudô pra São Paulo [...] agora eu to acordando mais tarde, mas eu acordo seis horas [...] não que eu me lembre, eu não to lembrando bem [...] eu engasgo até com ar [...] eu tava com um grão de milho na boca aí eu fui e engasguei [...] meu irmão também ficou roxo por causa que engasgou, sufocou com [...] meu irmão ta nos caso de mudar pra lá também acho que até o fim do mês ele deve estar mudando [...]”.
- “Eu nasci em Anápolis [...] quando eu mudei pra cá eu não conhecia praticamente ninguém [...] eu mudei no final do ano [...] quando me mudei pra cá [...] a gente também mudou [...] tinha dia que levantava seis e quarenta [...] aqui eu tinha que levantar dez pra

seis [...] por que se não você vai engasgar [...] pra mim aposentar cedo não é uma coisa muito viável [...] tem casos que a pessoa consegue aposentar até bem [...] o motivo não sabe ao certo [...]”.

- “Eu nasci na época que o Tocantins e o Goiás era o mesmo estado [...] Aí eu mudei pra cá, foi assim que eu passei na faculdade [...] aprende o procedimento fazendo [...] quando é na Samambaia eu levanto mais tarde [...] quando dá 5 horas eu já acordo [...] Com peixe, já engasguei e foi feio [...] nunca mais comi peixe, eu traumatizei [...] não dá pra sustentar uma família [...] dependendo de quanto é o salário que a gente aposenta [...] com certeza ela vai se aposentar com o salário melhor [...] agora quem não teve essa chance quando ela se aposenta se aposenta com o salário muito baixo [...] ele tava lá pendurado no tobogã [...]”.
- “Eu nasci em Pilar de Goiás [...] hoje quase não se vê gente brincando [...] nunca tinha visto isso [...] eu só mudei de casa quando casei [...] A gente se tornou amigo [...] eu acordava 7 [...] eu já engasguei com um pedacinho de osso de galinha [...] mas nunca engasguei com piqui não, piqui é tudo de bom [...] eu tinha o sonho de formar em direito quando eu era engraxate eu tinha esse sonho de formar em direito [...] era policial civil e se matou [...] a pessoa vai começando a se desesperar [...]”.

Mineiros com baixa ou média escolaridade

- “Eu nasci em Janaúba, norte de Minas [...] acostumar mesmo, acostumar com o clima lá de São Paulo eu não acostumei não [...] é um pouco difícil pra adaptar [...] eu levantava umas sete horas... seis e meia eu levantava [...] hoje eu levanto umas 5 e 20 [...] ainda não decidi direito [...] ele pegou uma corda e se enforcou [...] ouviu uma voz que falava que era melhor ele se matar [...]”.
- Meu pai era funcionário público, funcionário de portaria lá em Conselheiro Lafaiete [...] falou: Matias você já aposento, eu vou mandar você pra Brasília [...] fui trabaia com um japonês que chamava Sayten Suken [...] ainda sei muitas palavra... fala em Japão: dinheiro em Japão chama Kanhen viu? Dinheiro chama Kanhen; empregado chama Ganjim; viu, viu? Revolver chama Kandju; cigarro chama Tabaku [...] eles ensinam tudo [...]”.
- “Eu nasci em Boa Esperança. Morei 18 anos lá e depois me mudei pra cidade de Itatiba, porque meu pai já trabalhava lá há dez anos e a família decidiu se mudar pra lá [...], mas no bairro pra onde eu me mudei existia várias famílias da mesma cidade [...] Quando a gente se mudou pra lá, tinha duas facções criminosas em bairros diferentes [...] que geralmente eram aqueles grupos habitacionais do governo que juntam muitas pessoas [...] Quando eu me mudei pra lá eu já tinha terminado o ensino médio [...] Acordo cinco e meia da manhã [...] mesmo que eu coloco despertador eu acordo antes do horário [...] tenho uma certa facilidade de ficar sem me alimentar de manhã [...] não tenho necessidade de me alimentar logo de manhã [...] eu gosto de me alimentar. [...] tem uma torre de telefonia móvel que várias pessoas já se jogaram de lá no bairro em que a gente mora já teve muitas pessoas que já se suicidaram, mas próximas a mim, não.”.

- “Eu nasci em Boa Esperança, Minas Gerais, mas depois **mudamos** pra Itatiba em São Paulo por causa do trabalho do meu pai [...] No começo foi ruim, mas depois fui **acostumando** [...] acordava cedo umas seis horas depois voltava pra casa [...]”.

Mineiros com alta escolaridade

- “Eu nasci em Paracatu [...] eu **mudei** pra cá há 19... tem 19 anos e 6 meses [...] curso superior, formado em sistemas [...] Em sistemas, eu **formei** em 2010 [...] eu acordava 6 e meia [...] **mudou** o sistema de ensino [...] já **engasguei** com espinho de peixe [...]”.
- “Eu nasci em Uberaba [...] eu **mudei** para cá tem uns 6 anos [...] Eu **acostumei** com os amigos, com o bairro fácil fácil, mas com o clima ainda não **acostumei** ainda [...] falta um ainda tempinho ainda pra mim **formar** né [...] em 2018 estou **formando**, **me graduando** [...] a matéria que eu **me apego** mais é anatomia [...] não tem como **fala** assim [...] Eu **levanto** seis e meia [...] eu comecei a comer e **engasguei** [...] por que quando você **engasga** [...] eu tive que **desviar** rápido [...] **desviar** rápido, bati [...] eu **virei** e caí da bicicleta [...] o pessoal tava tudo **se vestindo** de EMO [...] ele **se jogou** do Pátio.”
- “Eu nasci em Unaí [...] nós **mudamos** para cá [...] quando eu **mudei** pra cá [...] eu **levantava** tomava o banho e ia pra escola [...] não dá tempo de **engasgar** [...]”.
- “Eu nasci em Conceição do Mato Dentro [...] eu **mudei** pra Conceição depois Belo Horizonte e Brasília [...] O clima sempre **perturba** [...] eu **levanto** sete horas... um pouco mais cedo, um pouco mais tarde [...] eu não pretendo **aposentar**, tenho prazer em trabalhar [...] eu nunca **engasguei** [...] Eu só fiquei sabendo que ele **se matou** [...] Não to **me lembrando** [...]”.